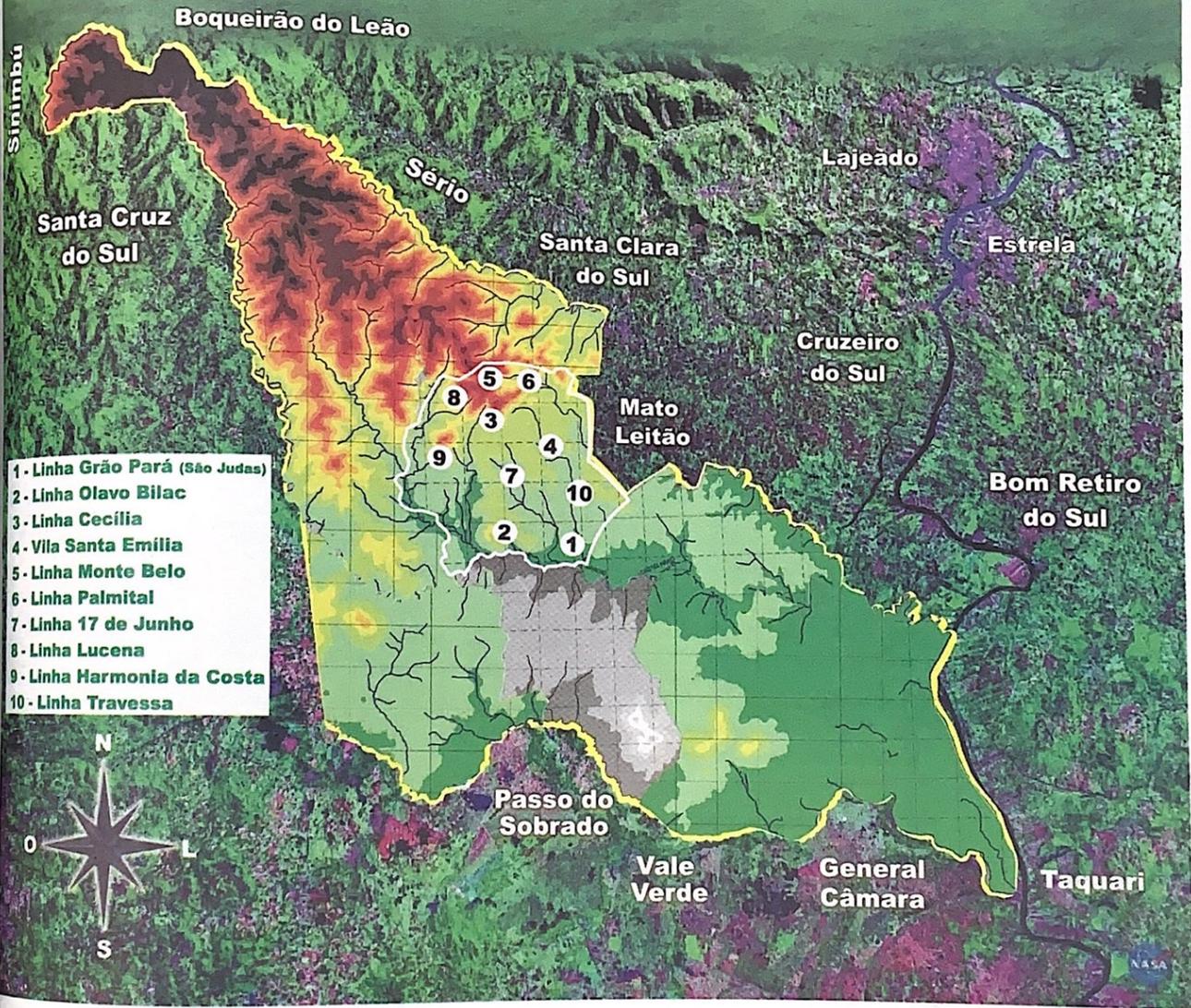


A cultura e a religiosidade na formação da Colônia Santa Emília



ESTE PROJETO TEM O APOIO DO GRUPO CTA-CONTINENTAL.



Religiosidade marcante no distrito de Santa Emília

Localizada a 13 km do centro da cidade, Vila Santa Emília é a sede do quarto distrito de Venâncio Aires. Possui uma das mais antigas histórias da formação do município. A religiosidade é um dos principais aspectos históricos da localidade, assim como das demais localidades que formam o distrito, onde as comunidades são identificadas pelos santos-padroeiros. É o único dos nove distritos que tem santo até no nome. Na localidade-sede, três dos quatro povoados evocam uma santidade católica: São Luiz, Nossa Senhora de Lourdes e São Pedro. No início da colonização, em 1862, São Miguel era o principal povoado da colônia. Desde 1994, São Miguel não pertence mais a Santa Emília e, sim, a Linha Duidosa. Além de Santa Emília, nenhuma outra localidade foi batizada com nome de santo, mas todas possuem identidade religiosa marcante. O santo padroeiro é lembrado no nome das capelas, das escolas, das sociedades e até dos times de futebol. São Judas Tadeu, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora Aparecida, São José, Santa Cecília, Nossa Senhora dos Navegantes, São Brás e São Marcos preservam até hoje a fé e a religiosidade de um povo formado, na sua maioria, por imigrantes germânicos.

ORIGEM

Antes da chegada dos imigrantes, as terras melhores para agricultura e pecuária eram ocupadas por latifundiários de origem luso-afriana, descendentes das famílias Rosa, Pereira, Bello, Silveira, Fagundes, Machado e Bittencourt, este último de origem francesa. Fragmentos de lápides daquela época ainda podem ser encontrados no Cemitério dos Machado, considerado o mais antigo do distrito. São ladrinhos da história de Venâncio Aires que estão se perdendo com o passar do tempo.

Santa Emília foi a primeira colônia a ser administrada por uma empresa privada em Venâncio Aires, a Sociedade Colonizadora Santa Emília, dos irmãos Batista Pereira. De 1860 a 1900, parte da Sesmaria dos Fagundes e das terras do coronel André Bello foram demarcadas e vendidas a imigrantes vindos diretamente da Europa, ou de outras colônias mais antigas do município de Santa Cruz do Sul, como Monte Alover, por exemplo, cujas terras se estendiam até Linha Cecília.

No livro "Colônia de Santa Emília", o descendente de imigrante Cláudio Carlos Fröhlich traçou uma linha pontilhada, identificando a área de duas léguas quadradas e as localidades que fizeram parte da colônia. O traçado iniciava onde hoje está o monumento em homenagem ao colono, em Grão Pará; seguia pela estrada até o arroio São João; seguia por este até onde hoje fica a entrada para Linha São Pedro; seguia então para a direita, por esta estrada até encontrar-se com o arroio Sampaio; seguia então por este arroio até Linha Andréas, onde seguia à esquerda pelo arroio Santos Filho até encontrar-se com o arroio Lajeadinho até a ponte de acesso a Linha Olavo Bilac; dali seguindo pela estrada até encontrar-se com o monumento em Grão Pará.

A origem do nome seria em homenagem a Maria Emília Pereira Bello, irmã dos Baptista Pereira e viúva do coronel Bello, morto em combate na Guerra do Paraguai.

EVOLUÇÃO

Na medida em que novas picadas iam sendo abertas, novas levas de imigrantes chegavam. Alguns trazendo apenas a roupa do corpo; outros com algumas posses, que lhes permitiam comprar uma área de terras maior. A necessidade de mão-de-obra influenciou na geração de filhos. Os casais pioneiros tinham em média, 10 crianças, alguns até 20. Com isso, começaram a se formar núcleos de moradores com o mesmo sobrenome: Koth, em Santa Emília; Lenz, em 17 de Junho; Schwingel, em Olavo Bilac; Schwendler, em Harmonia da Costa; Frey, em Cecília e Ullmann, em Linha Lucena.

Atualmente, a composição étnica da população é predominantemente de descendentes de imigrantes alemães. A miscigenação com os lusos começou a ganhar espaço somente a partir da década de 1970 e a miscigenação com os negros sofre resistência até os dias atuais.

SOCIEDADES

Quando os germânicos chegaram ainda havia escravidão, fato que dava aos lusos a fama de exploradores. A situação piorou durante a Revolução Federalista (1893-1895), que manchou de sangue as terras da colônia em Venâncio Aires e na região. Durante a primeira Guerra Mundial e, principalmente, durante a segunda Grande Guerra, os descendentes de alemães foram perseguidos; documentos e símbolos foram confiscados e destruídos e até as localidades identificadas com nome em alemão tiveram sua rotina alterada.

A violência e o medo motivaram os imigrantes a buscarem força na união em grupos sociais, mais tarde transformados em sociedade, onde se reuniam para cantar, rezar e, também, proteger suas propriedades. Deste movimento surgiram várias sociedades de canto e leitura e clubes de lanceiros e atiradores. No quarto distrito, a Sociedade Cultural Bom Humor, de Linha Cecília, fundada em 1896, é a mais antiga em atividade.

A necessidade da união também contribuiu para a construção das primeiras escolas, capelas, salões de baile, campos de futebol e ginásios de esportes, onde atualmente os descendentes de imigrantes germânicos, lusos, negros e índios convivem de maneira integrada,

ESCOLAS DO 4º DISTRITO (*)

E.E. 25 de Julho - Linha Cecília (**)
E.E. Léo João Fröhlich - Linha 17 de Junho
E.E. Nossa Senhora Aparecida - Linha Travessa (**)
E.E. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro
E.E. São José - Linha Travessa (**)
E.E. São Luiz - Santa Emília
E.M. Gabriela Mistral - Santa Emília
E.M. Luiz Witz - Linha Olavo Bilac
E.M. Nossa Senhora de Lourdes - Santa Emília
E.M. São José - Monte Belo
E.M. São Judas Tadeu - Grão Pará
E.M. Castro Alves - Linha Lucena (****)
(*) Dados de 2007, fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação
(**) Em processo de municipalização em 2008
(****) Fechada em 2008

embora os referenciais desses dois últimos grupos étnicos careçam de pesquisa mais aprofundada. Sabe-se apenas que nas proximidades do Cemitério dos Machado havia um local chamado Quilombo.

ECONOMIA

Josef Umann, imigrante de Linha Cecília, relata em seu livro de memórias, que quando os colonos chegaram, encontraram terras cobertas por mata densa e muita pedra. Tiveram que desmatar para plantar. Com as pedras, levantaram cercas. Usaram troncos e folhas de palmito para construir as primeiras choupanas. A safra foi prejudicada pelo mau tempo nos primeiros anos. Com a força dos próprios braços, tiveram que cortar a madeira e falquejar as tábuas para construir suas casas e galpões. O fogão era improvisado no chão. Painéis e chaleiras eram penduradas sobre o fogo, suspensas em varas de madeira. Usavam os baús trazidos da Alemanha para servir de mesa. Para cadeiras, usavam pequenos troncos de árvores.

Tudo era novidade para os colonos, habituados com a rotina das indústrias vitreas da Boêmia. Assim passaram os primeiros anos em meio a dificuldades e privações e, pelo esforço desmesurado, muitos adquiriram doenças das quais não mais se recuperaram.

Aos poucos, porém, cresceu o bem estar junto à maioria dos moradores e a alegria de viver. Inveja e ciúme não tinham lugar, pois não se formara ainda nenhuma aristocracia rural. Todos se uniam e se auxiliavam sem indagar sua origem ou crença. Costumavam sentar ao redor do fogão e ouvir histórias e, como não tinham dinheiro para comprar bebidas caras, como cerveja e vinho, habituaram-se ao chimarrão e a cachaca.

Foi a produção de erva-mate e de cana-de-açúcar que fomentou o desenvolvimento das localidades nas primeiras décadas. No quarto distrito, a erva-mate existia em abundância nas matas e a cana era fácil de cultivar. Por volta de 1920 começavam a ser primeiras experiências com erva-mate cultivada; criação de suínos e cultivo de apim e fumo e escala comercial. Surgiram fábricas de erva-mate, alambiques, ferrarias, cooperativas, serrarias e moinhos movidos com energia gerada por roda d'água. Foram três décadas de grande progresso. Sinais desse período estão preservados até hoje nas dezenas de casas antigas e nas barragens (taipas) que ainda podem ser encontradas nos arroios São João e Lajeadinho.

A agricultura é a base da economia

do quarto distrito. Nas terras baixas, próximas aos arroios, cultiva-se arroz irrigado, milho e hortifrutigranjeiros. As terras mais elevadas, das coxilhas e encostas dos morros, favorecem todo tipo de cultura, especialmente o fumo, a erva-mate, o milho, o trigo, a soja e culturas de subsistência. O relevo permite o manejo mecanizado tanto no preparo da terra, quanto na colheita.

Nas regiões mais inóspitas, no alto dos morros, é possível encontrar vastas áreas de mata nativa. As belezas naturais favorecem o turismo, mas desestimulam a permanência das famílias de agricultores, contraste que a cada ano torna-se mais gritante.

As áreas de terra são de pequenas propriedades, com 10 hectares em média. A maioria das casas tem energia elétrica, água encanada e telefone celular. O computador começa a figurar na sala ou no quarto das crianças.

A indústria foi forte no quarto distrito, até meados do século passado. No entanto, ainda é possível encontrar destacados investimentos no beneficiamento de carne bovina, leite, madeira, erva-mate; produção de frango, suínos e ovinos.

O comércio também foi mais forte no passado, com grandes casas comerciais e posto de recepção de produtos agrícolas em Grão Pará, Linha 17 de Junho e Santa Emília, mas ainda é possível encontrar as chamadas "vendias" e muitas bodegas, que oferecem serviços de bar e cancha de bocha, um dos esportes preferidos. O turismo é outro setor que tenta se desenvolver, através de iniciativas como a Rota do Chimarrão, balneários, áreas de rodeio e trilhas para motos nos morros da Serra Geral, de onde é possível ter uma belíssima visão dos vales do Sampaio e Castelhanos.

HÁBITOS

Passados mais de 140 anos do início da colonização, os moradores do quarto distrito se esforçam para cultivar e manter viva as tradições, trazidas ou cultuadas pelos antepassados.

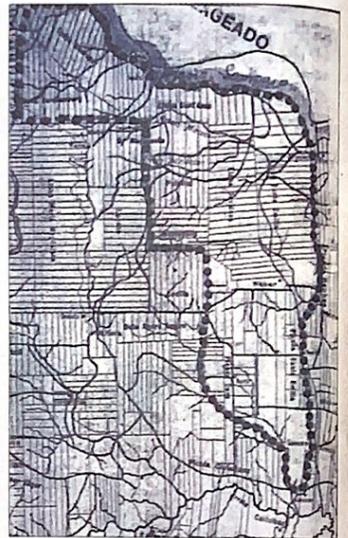
Quem trabalha na roça costuma levantar da cama ao clarear do dia; tratar a criação; tomar café e ir para a lavoura, retornando ao meio-dia. À tarde, após a cesta, novamente para a lavoura até o entardecer, quando voltam à casa com a carroça cheia de pasto. Outros usam trator ou o micro-trator e implementos que facilitam o manejo nas propriedades rurais de pequeno porte.

DADOS GERAIS

Sede: Vila Santa Emília
Distância da cidade: 13km
Principal via de acesso: Estrada Geral asfaltada até Grão Pará (arroio São João), seguindo à esquerda pela estrada de terra.
Limites distritais:
Vale do Sampaio (ao Norte), Vila Deodoro (Noroeste), Centro Linha Brasil (Oeste), Vila Arlindo (Sudoeste), ligados apenas pela Ponte sobre o arroio Castelhanos, sede da cidade (ao Sul) e Vila Palanque (ao Leste).
Limite municipal:
Mato Leitão, a Nordeste.
População (**)
Urbana: 190
Rural: 4.605
(*) Fonte: Censo IBGE 2007

COLABORARAM NAS REPORTAGENS DESTA SUPLEMENTO

As informações divulgadas neste suplemento foram coletadas através de pesquisa de campo realizada com a colaboração das escolas do 4º distrito durante os meses de agosto 2007 a maio de 2008. Supervisão dos textos da historiadora Angelita da Rosa. Foto da barragem: Aldair Fischer. Créditos aos demais colaboradores voluntários e as outras fontes de pesquisa aparecem nas respectivas páginas de reportagem.



Linha pontilhada sobre o mapa de 1917 marca o traçado da Colônia Santa Emília, desde o Grão Pará até Linha Andréas

Quem trabalha no comércio ou nas indústrias das localidades segue rotinas diferentes, conforme a necessidade de cada empresa. Também há muitos trabalhadores nas fumageiras da cidade, que recebem vale-transporte para se deslocar de ônibus da colônia até as empresas.

A construção dos ginásios de esporte, a partir da década de 1980, alterou a rotina noturna, com jogos e torneios de futebol de salão durante a semana. Nos finais de semana, as pessoas adultas se encontram nas sociedades e nas bodegas; onde praticam o bolãozinho de mesa, bolão de pista reta, bocha e jogos de carta. Os jovens já preferem os jogos de futebol, passear de moto ou se distrair no computador e na internet.

CARÊNCIAS

O êxodo rural afeta quase todas as localidades. A redução da população do quarto distrito teve início na década de 1970 e intensificou-se a partir dos anos 1990. Soma-se ao êxodo, a redução de número de filhos por família e a falta de estímulo para a permanência do jovem na colônia. Na década de 1970 cada família tinha em média 6 filhos, número que caiu para dois nos últimos anos. O êxodo traz por consequência a diminuição do número de alunos e o fechamento de escolas, que outrora foram o principal estímulo para o desenvolvimento das localidades. Confira no quadro I a relação das escolas e no quadro II os dados gerais do quarto distrito de Venâncio Aires.



Trator usado para o transporte de erva-mate até as indústrias de beneficiamento



Antiga barragem no arroio Lajeadinho, em Linha 17 de Junho

O Grão-Pará de São Judas Tadeu

Em um município de tradição católica, como Venâncio Aires, é comum encontrar localidades interioranas com duas ou mais comunidades. Em função das características peculiares, cada uma se identifica com um santo padroeiro diferente. É o caso de Linha Grão Pará, dividida entre as comunidades São Pedro e São Judas Tadeu. A metade São Pedro e a mesma. A história origem das duas está contada na comunidade de Palanque, enquanto que a comunidade São Judas Tadeu pertence atualmente ao quarto distrito.

Até 1885, Grão Pará era conhecida como Linha Campestre. Naquele ano, o príncipe D. Pedro de Alcântara visitou Rio Pardo. Na ocasião, uma comitiva de cavalheiros de Linha Campestre foi de cavalaria ao gesto de recepção-lo. Em retribuição ao gesto de gentileza, o príncipe autorizou que o nome entrasse para a história, denominando a antiga Campestre em Linha Grão Pará. O nome faz referência ao título honorífico do jovem Pedro de Alcântara, conhecido entre a nobreza como o príncipe de Grão Pará.

Naquele mesmo ano, a localidade recebeu o sétimo núcleo de colonizadores germânicos de Venâncio Aires. Até então, todas as terras que hoje englobam as duas comunidades pertenciam à sesmaria dos Fagundes. Estão entre os primeiros colonizadores germânicos do povoado de São Judas Tadeu as famílias Jacobi, Haas, Becker, Schwengber, Kuhn, Pauli, Böhm, Sausen, Hermes, Leuckert e Lenz. Estes três últimos moravam próximo da divisa com Linha 17 de Junho.



Imagem de satélite da várzea do Castelhanu, com destaque para o aterro do Grão Pará e a RST-453



Cascata no arroio Lajeado, na divisa com Linha 17 de Junho



Ornelio Heissler, Silvio Eckert, Leopoldo Konrad e Raymundo Kipper estão entre os moradores mais antigos de Grão Pará

ATERRO

O destino das duas comunidades do Grão Pará começou a mudar a partir da década de 1940, mais precisamente entre 1944 e 1946, durante a administração do prefeito Flávio Menna Barreto Mattos, que iniciou a construção de um aterro na várzea do Castelhanu. O aterro reduziu de oito para três quilômetros a distância do povoado de São Judas Tadeu até a cidade. Antes, o principal acesso era através do Bairro Coronel Brito, atravessando o Castelhanu pelo Passo Cananéia.

A construção do aterro também mudou o perfil dos moradores locais

que, antes, dedicavam-se quase exclusivamente à agricultura e, a partir daí, passaram a trabalhar na cidade. O aterro também facilitou o transporte da produção agrícola e incentivou investimentos na agroindústria. Em 1953, o então vereador Waldemar Henrique Konrad fez aprovar pela Câmara Municipal a elevação do povoado à condição de bairro, devido às suas características urbanas e proximidade com a cidade. Entretanto, na década de 1990, durante a nova redistribuição distrital, Grão Pará/São Judas retornou à condição de linha, passando a integrar o 4º distrito.

Atualmente, a localidade tem dois importantes acessos à cidade. Além do aterro, também é usada a RSC-453, construída na década de 1970.

RELIGIÃO

A primeira capela da comunidade católica de Grão Pará foi construída em 1918, em honra a São Judas Tadeu. Mais tarde, a imagem do santo padroeiro foi doada pelo casal Arnaldo e Romana Freitag, em retribuição por uma graça alcançada.

Na década de 1970, o prédio da capela não oferecia mais condições para as celebrações e a comunidade decidiu construir um pavilhão comunitário, em forma de cabana, que servisse para eventos religiosos e sociais. No dia 6 de abril de 1987 foi inaugurado a nova e atual capela.

EDUCAÇÃO

Até por volta de 1918 a educação era oferecida em casas particulares ou

um professor reunia as crianças sob a sombra de árvores. Foi, então, criada a Escola Municipal Rio Branco. Mais tarde, o porão da antiga capela também foi utilizado como sala de aula. O primeiro professor foi Edmundo Bogorni.

Em 7 de abril de 1953 foi inaugurada a Escola Municipal São Judas Tadeu, em terreno comprado pela prefeitura. Com o crescimento do povoado, a escola teve que ser ampliada em 1984. Atualmente, a escola conta com 68 alunos, de pré até a 8ª série; 12 professores e duas funcionárias, tendo a direção da professora Daniela Halmenschlager.

SOCIEDADES

Pela proximidade com a cidade, Grão Pará tornou-se um ponto de intensa atividade social. Em 1922 funcionavam a Sociedade dos Ulanos e um Clube de Bolão. Em 1939, Balduino Pauli promovia animados bailes em seu salão. Waldemar Konrad abriu um salão de baile na década de 1940. Na época havia jogo de tiro ao alvo, bolão e carreado, este último muito apreciado até os dias atuais. Também é praticado atualmente o jogo de bolãozinho de mesa, durante as reuniões mensais das sociedades de damas e cavalheiros. Na década de 1970, um esporte muito prestigiado era a corrida de cavalo, na cancha reta de Roldolfo Silveira.

Desde os anos 1940, as festas religiosas (quermesses) já movimentavam toda a comunidade. A quermesse é realizada até hoje, sempre no mês de outubro, marcando o dia do santo padroeiro, dia 28.

Desde 1972, as festas são realizadas na cabana. No dia 14 de setembro de 1996 foi inaugurado o ginásio de espor-

tes, ao lado da cabana. Ambos são administrados pela Associação de Cavalheiros São Judas Tadeu, cujos documentos de fundação foram destruídos em um incêndio. A localidade também conta com a Sociedade de Damas São Judas Tadeu, fundada em 14 de setembro de 1974 e com o Clube de Mães Maria de Nazaré, fundado em 10 de junho de 1982.

ECONOMIA

Ao longo de sua história, Grão Pará teve destacada participação no cenário econômico de Venâncio Aires. Inicialmente com a agricultura e, mais tarde, com a indústria e o comércio.

No passado, Roldolfo Silveira foi grande produtor de arroz irrigado. As famílias Sausen e Freitag iniciaram o beneficiamento de fumo, cuja empresa mais tarde veio a se tornar a Fumossul S.A., atualmente Universal Leaf Tabacos. A família Böhm tinha marcenaria e fábrica de carroceria de caminhão. Na década

de 1930, Waldemar Henrique Konrad iniciou-se com casa de comércio, empreendimento que, mais tarde, seria ampliado para salão de baile e distribuidora de bebidas. Sebaldo Schwendler iniciou o ofício de seleiro, depois estofador. Leopoldo Fischer fabricava carruagens de madeira (charretes e aranhas). A família de Arthur e Rumilda Weizemann tinha salão de baile e olaria. As famílias Kuhn, Winckelmann e Penz investiram em moimho e descascador de arroz, aproveitando a força das águas dos arroios São João e Lajeado, que movimentava as turbinas e geravam energia.

Atualmente, o fumo de estufa e o milho constituem-se nos principais produtos agrícolas, juntamente com o aipim e a ervam-mate. No entanto, são poucas as famílias de agricultores. A maioria trabalha na cidade. A localidade conta com aproximadamente 120 famílias.

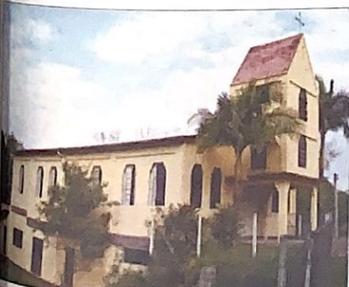
No setor industrial, a empresa mais antiga em atividade é a Olaria Eckert, desde 1954. A casa comercial mais antiga é o bar e armazém Winckelmann, desde 1960.

A localidade possui grande potencial turístico, com festas comunitárias e bailes na cabana e ginásio; áreas de lazer e rodeio de Renato Machry; o balneário São João; a cascata do arroio Lajeado na divisa com Linha 17 de Junho; o Monumento em Homenagem ao Colono, construído em 1965 e várias casas antigas, preservadas pelos atuais proprietários.

A comunidade reivindica maior investimento em infra-estrutura: calçamento, canalização e drenagem de águas pluviais. A localidade também carece de agentes de saúde e de investimentos visando a geração de empregos, para a permanência dos jovens.



Monumento construído em 1965, marca o local onde começava a Colônia de Santa Emília



Prédio da capela São Judas Tadeu, inaugurado em 1987



Casa construída em 1919 é uma das mais antigas de Grão Pará



Eventos sociais e esportivos acontecem na cabana e no ginásio de esportes



Professora Cléria com os alunos que realizaram a pesquisa

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

A professora Cléria Frantz Becker e os alunos Anderson Rodrigo Kessler, Caroline Siebenichler, Daniel Luiz Sehn, Marisa Xavier e Tiago de Melo, mais a diretora da EMEF São Judas Tadeu, Daniela Halmenschlager. Os associados da Associação de Cavalheiros São Judas Tadeu: Ornelio Heissler (64 anos), José Raymundo Kipper (71 anos), Silvio Eckert (78 anos) e Leopoldo Konrad (86 anos); a comerciante Lucilla Hilda Winckelmann (71 anos) e sua filha Alice Inês e o agricultor aposentado Ivo Armando Rodrigues (75 anos).

Linha Olavo Bilac e a I Guerra Mundial

Linha Olavo Bilac foi uma das primeiras localidades do interior de Venâncio Aires a sofrer as consequências da participação da Alemanha nas guerras mundiais. O nome atual teria sido adotado no período da I Guerra Mundial (1914-1918). Antes, o povoado teve outras quatro denominações: Schwingel Pikade, Bohn Pikade, Eck Picade e Picada Castelhana. Esta última denominação permaneceu até meados da década de 1970, porque a população local não aceitou de bom grado a imposição do nome em homenagem ao celebre poeta brasileiro.

O primeiro morador foi Konrado Schwingel. Quando veio da Alemanha, estabeleceu-se em Taquari na beira do rio. Possuía uma fazendinha com criação de cavalos. Em 1871 perdeu todos os animais na enchente e decidiu vender tudo e mudar-se para um lugar mais alto. Em 1873 adquiriu 100 hectares de terras próximo ao arroio Castelhana. Konrado teve apenas dois filhos, porém 32 netos, que povoaram a localidade.

Mais tarde, chegaram as famílias Bohn, Bogorny, Fröder, Reis, Schneider, Michels, Zeitler, Malhe, Wacholz e Fischer.

Os imigrantes alemães instalaram-se em torno da picada, desde a divisa com Linha 17 de Junho até Linha Arroio Grande e Harmonia da Costa.

Outro grupo abriu uma nova picada próximo do Arroio do Salto, dando origem ao povoado de Linha Salto, formado por imigrantes alemães e lusos. As primeiras famílias instaladas foram as de sobrenome Schwendler e Borba. O nome "salto" foi inspirado no arroio de mesmo nome. É neste arroio que se encontra a cascata Chuveirão, de Linha Harmonia da Costa.

Um terceiro povoado formou-se no primeiro morro próximo da ponte da divisa com Linha 17 de Junho e Grão Pará. As primeiras famílias foram de sobrenome Santos, Lord e Dutra, que criaram a comunidade Nossa Senhora Aparecida em meados da década de 1980.

EDUCAÇÃO

No início da colonização, as famílias possuíam, em média, 10 filhos. A primeira escola foi criada em 1910 e se chamava Casemiro de Abreu. Em 1961 foi construído o atual prédio, em terreno doado por Ismael Pádua de Oliveira. O nome da escola foi alterado para Luiz Witz, em homenagem ao primeiro professor da localidade. No mesmo ano foi criada a Associação de Pais e Mestres. Em torno dessa escola o povoado experimentou destacado desenvolvimento, com a criação de comunidades organizadas, clubes esportivos, igreja e cemitério. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Witz encerrou o ano letivo 2007 com 13 alunos, sob orientação da professora e diretora Neli Terezinha Weschenfelder Schwingel.

Em Linha Salto foi criada a Escola Henrique Dias, em 1954. A primeira professora foi Maria Zilma Staub



Capela São Marcos, construída em 1991

(casada Schwingel). Na época, aproximadamente 60 alunos freqüentavam as aulas. Esta escola foi reformada e ampliada em 1978 e em 1999, mas suas atividades foram encerradas em 2003, surpreendendo a comunidade.

RELIGIÃO

No principal povoado de Olavo Bilac, o santo protetor é São Marcos. A comunidade católica foi criada no dia 24 de outubro de 1968. As missas e atividades religiosas foram realizadas na escola até o dia 26 de maio de 1991, quando foi inaugurada a capela. O cemitério foi criado em 1965 e o sino foi adquirido em 1966. A imagem do santo foi introduzida na escola no dia 25 de abril de 1971.

Algumas famílias do povoado são evangélicas de confissão Luterana. Os cultos e reuniões acontecem no pavilhão Ouro Verde ou na escola Luiz Witz. Também existe uma capela junto à comunidade Nossa Senhora Aparecida.

Na Linha Salto não há capela. As missas acontecem no pavilhão São João Bosco, que foi transformado em associação após o fechamento da escola.

SOCIEDADES

Na primeira metade do século passado, havia a Sociedade de Lanceiros, que transferiu-se para Linha Brasil.

Todas as sociedades existentes foram organizadas a partir de 1970. A mais antiga é a Sociedade Esportiva Ouro Verde, fundada em 14 de fevereiro de 1970, para a prática do futebol. A Sociedade de Damas Ouro Verde foi criada em 10 de agosto de 1980; a Sociedade Cultural Ouro Verde existe desde o dia 05 de outubro de 1985, ano da construção do salão comunitário, ao lado do campo de futebol; o Clube de Mães Flor do Campo foi fundado em 20 de março de 1990; a Sociedade Hídrica Picada Castelhana foi inaugurada em 1999; a Rede Hídrica Nossa Senhora Aparecida foi criada em 2001; a Associação São

João Bosco, fundada em 23 de março de 2003 e a Associação Hídrica Arroio do Salto foi criada em 22 de fevereiro de 2005.

Além do futebol de campo, a população local se diverte organizando e participando de festas comunitárias, bailes, jogos de carta, bocha e futebol-sete, no campo da Associação São João Bosco. Também há investimentos privados em balneários e pista de veloterra.

Os eventos sociais e esportivos contribuem para divulgar a cultura e o turismo na localidade, que tem ainda muitas casas antigas, algumas erguidas com pedras de alicerce até a altura do telhado. Da estrada da picada Castelhana têm-se uma das mais belas vistas da cidade de Venâncio Aires, fator que está atraindo novos moradores para a localidade.

ECONOMIA

O relevo é misto, com terras baixas nas várzeas do arroio Castelhana e terras altas do Cerro das Pedras. Neste cerro há jazidas de extração da pedra-ferro para produção de brita. A localidade já foi destacada produtora de arroz, mandioca, cana-de-açúcar e erva-mate. Estes produtos ainda são plantados, porém em menor escala. Havia atafona, alambique, secador de erva-mate e produção de fumo em corda. A caça nas matas da região e a pesca no arroio Castelhana eram abundantes e ajudaram os imigrantes a vencer as dificuldades dos primeiros anos de colonização.

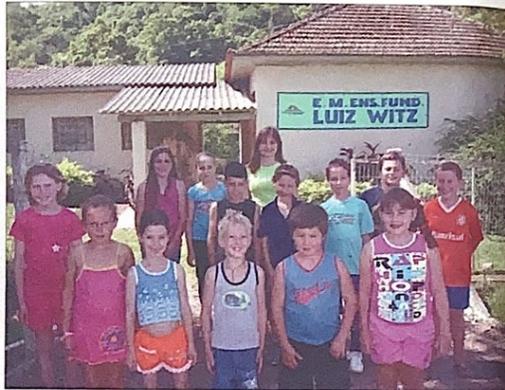
Atualmente, o fumo e o milho representam as principais fontes de renda na agricultura. Planta-se também produtos de subsistência. Existem dois secadores de grãos comunitários, um construído em 1999 e outro em 2002.

A maioria das famílias possui pequenas propriedades, com média de 10 hectares.

Na década de 1980 a localidade começou a receber investimentos na produção de frangos, suínos, caprinos, mel e peixes. Em 2003, a produção de



Jazida para extração de pedra e produção de brita



Professora Neli com os alunos da EM Luiz Witz em 2007



Lavoura de fumo em consórcio com erva-mate



Cancha de bocha da Associação São João Bosco

cachaça de alambique foi reativada. Neste mesmo ano, através de um trabalho integrado com a Emater, a localidade passou a fazer parte da microbacia hidrográfica do arroio Castelhana, que faz parte do programa sócio-ambiental Pró-Gualba.

Atualmente, cerca de 100 famílias

moram em Linha Olavo Bilac (incluindo Linha Salto). A maioria é formada por produtores rurais. Também há agregados e trabalhadores urbanos.

A maior preocupação dos moradores é a falta de segurança, em função dos assaltos e roubos registrados nas propriedades rurais.

PARTICIPARAM DESTA REPORTAGEM

A professora Neli Terezinha Weschenfelder Schwingel e os alunos da EM Luiz Witz.

Outras fontes:

Levantamento sócio-cultural e econômico, de 1873 a 2003, realizado pela Emater de Venâncio Aires;

Pesquisa histórica realizada pela Secretaria Municipal de Educação em 1999



Campo de futebol do Esporte Clube Ouro Verde



Pavilhão Ouro Verde, construído em 1985

História de Linha Cecília começa em 1877

Em 1877, Linha Cecília era a picada mais distante a ser aberta a Leste da colônia de Monte Alverne. Na época já havia três moradores instalados na vizinhança, em terras compradas da vizinha Colônia Santa Emília. Paul Rott (o Brummer), Ludwig Schirmann e Peter Dattein (o hollander Peter) deram assistência e orientação aos 10 pioneiros de Linha Cecília, oriundos da região da Boêmia. Confira no quadro.

Nos três anos após a chegada dos pioneiros, outras famílias fixaram-se ao pé da cadeia de morros da Serra Geral e se destacaram no desenvolvimento da localidade. Peter Frey, Michel Alles, Martin Niedermayer e Martin Geller estão entre aqueles que se destacaram no início da colonização.



Campo do Grêmio Esportivo Cecília

ESTRADAS

A primeira estrada ligava Linha Cecília a Santa Emília (Lourdes), saindo no Cemitério dos Machado e daí à vila São Sebastião Mártir. Os próprios colonos conservavam a estrada, trabalhando gratuitamente. Em 1889 o traçado dessa estrada foi modificado para facilitar o escoamento da produção agrícola. Em 1904 foi aberta uma nova estrada ligando Linha Cecília com a Picada Lenz (Linha 17 de Junho), reduzindo em meia hora o tempo de deslocamento até a cidade. Em 1919 os moradores construíram uma nova estrada para ligar Santa Emília a Linha Brasil, porque a velha estrada, sobre o morro (Monte Belo e Linha Lucena) estava quase intransitável. A atual estrada que liga Cecília a Monte Belo foi aberta em 1928.

RELIGIÃO

Santa Cecília é a padroeira da comunidade católica, fundada no dia 05 de outubro de 1944. Mas a capela é mais antiga. Foi construída em 1927 com a finalidade de ser uma capela-escola. Ali os alunos estudaram até 1961. O sino foi adquirido em 1954. O nome da santa padroeira é a provável origem do nome da picada, a exemplo do que aconteceu em Linha Terezinha e Linha Isabel.

EDUCAÇÃO

As primeiras aulas foram dadas em casas particulares em 1880. O primeiro professor foi Frantz Seib, que lecionou de 1880 até 1881 para cinco alunos. Frantz, além de ser professor, era médico, parteiro e tinha uma bodega homeopática.

Em 1909, foi fundada uma comunidade escolar, que construiu um prédio próprio para a função escolar. O terreno de 200 braças quadradas foi doado pelo Josef Umann.

Em 1928 a escola começou a funcionar no prédio da capela, pois o velho

prédio não apresentava espaço suficiente. Na década de 1930, os professores passaram a lecionar em alemão e em português. Até então o ensino era só em alemão. O professor Blondo Frey esteve mais tempo à frente das atividades escolares, de 1948 a 1989.

Em 1959, a escola de Linha Cecília passou à administração do Estado e foi transformada na Escola Rural 25 de Julho. O Estado construiu o novo e atual prédio, em alvenaria, com duas amplas salas, no terreno de quatro hectares, cedido pelo povo local. A inauguração aconteceu no dia 30 de julho de 1961. O prédio foi ampliado em 1988 para atender a crescente demanda. Atualmente, a E.E 25 de Julho encontra-se em processo de municipalização, porque o governo do Estado não tem interesse em manter o seu funcionamento. São nove alunos de 1ª a 4ª séries, sob a direção da

professora Adenice Ivânia Becker.

SOCIEDADES

Uma das sociedades mais antigas de Venâncio Aires, a Sociedade Bom Humor, foi fundada no dia 25 de março de 1896, com a finalidade de formar um grupo de canto. Seu nome original, em alemão, era Gesangverei Frohsinn, que mais tarde incorporou aos seus estatutos o hábito da leitura.

O objetivo desta sociedade foi incentivar a sociabilidade, cultura e diversões. Nos primeiros anos, as atividades sociais aconteciam na casa de Michael Alles. Havia apenas um baile por ano. A primeira bandeira foi inaugurada no dia 7 de maio de 1905. Josef Hüttnann também teve salão de baile.

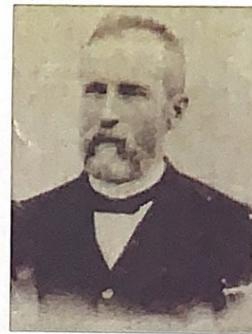
Em 1966 a Sociedade Bom Humor adquiriu o velho salão que era de Hüttnann, juntamente com uma área adi-



Turma da E.E. 25 de Julho em 2007



Capela Santa Cecília, construída em 1927



O pioneiro Josef Umann

cional de terras, onde foi construído, em 1968, o prédio que até hoje é sede da entidade. Ao lado da sede foi construído o ginásio de esportes, inaugurado no dia 24 de março de 1996.

Além da Sociedade de Cavalheiros Bom Humor, estão em atividade atualmente a Sociedade de Damas Condiária, fundada em 15 de novembro de 1931; o Grêmio Esportivo Cecília, fundado em 13 de maio de 1954; o Grupo de Jovens Julice, fundado em 1º de maio de 1978; o grupo carnavalesco Imperadores da Folia, com 35 anos de existência; o Clube de Mães Santa Cecília, fundado no dia 09 de fevereiro de 1985; a Sociedade Hídrica Santa Cecília, fundada em 15 de julho de 1986 e o Grupo de Idosos Der Fröhlicher Kreis, fundado dia 08 de agosto de 2001.

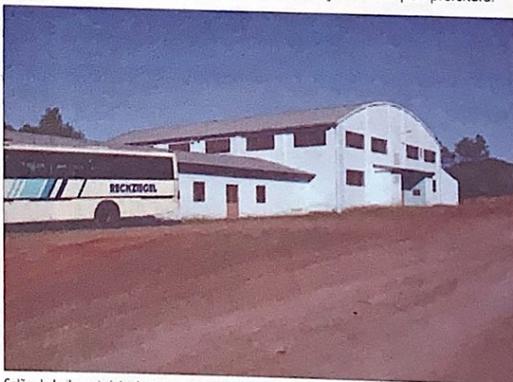
ECONOMIA

Aproximadamente 80 famílias residem em Linha Cecília. O povoado

essências, transporte de leite e transporte em geral. A empresa de ônibus Reckziegel é uma das mais tradicionais de Venâncio Aires. A Comercial Cecília é a casa de comércio mais antiga em atividade, mas tem apenas seis anos de existência. A última casa comercial tradicional fechou em 1999 e pertenceu a Arli Sterz.

As famílias cultivam as tradições e folclore através do chimarrão, churrasco, cantos, leitura, bolãozinho de mesa, bloco carnavalesco, festas de sociedade, enterros e currículo de vida, jogos de loto e bocha. A leitura é um hábito conservado pela população. Muitas das informações publicadas nesta reportagem só foram possíveis porque os dados foram registrados pelo imigrante Josef Umann.

Assim como a maioria das comunidades interioranas, Linha Cecília também padece com o êxodo rural. A principal reivindicação é a melhoria das estradas. Destaque positivo é a coleta semanal do lixo, serviço mantido pela prefeitura.



Salão de baile e ginásio de esportes da Sociedade Bom Humor

OS PIONEIROS

- Josef Preussler
- Josef Freudenberg
- Josef Umann
- Josef Lux
- Josef Dressler
- Johann Huckelscherer
- Josef Wunsch
- Wilhelm Brückner
- Frantz Seibt
- Josef Stein

encontra-se ao pé da Serra Geral, distante 12km da cidade, pela estrada de Grão Pará e 17 de Junho. O terreno é muito irregular, com vários cerros e partes planas. A maioria dos moradores são proprietários de pequenas áreas. A principal atividade econômica é a agricultura, sendo cultivado: fumo, milho, hortaliças, soja, mandioca, frutas cítricas, feijão, batatinha e outros. É produzido leite e mel para consumo e venda; criação de suínos e bovinos.

Há investimentos na produção de móveis torneados, queijos, óleos e

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

A professora Adenice Ivânia Becker e os alunos da E.E. 25 de Julho. Livro pesquisado: Memórias de um imigrante boêmio, escrito em alemão por Josef Umann e traduzido para o português por Hilda Agnes Hübler Flores. Outras fontes: Reportagens do jornal Folha do Mate dos dias 23.07.1977 e 29.07.1977.



Monumento em homenagem ao centenário de colonização alemã



Imagem de satélite do povoado de Linha Cecília

Os quatro povoados que f

Linha Santa Emília é uma das maiores localidades do interior de Venâncio Aires, com mais de 300 famílias. É a sede do quarto distrito. Ela reúne quatro povoados, incluindo o núcleo urbano. Mas até 1994 eram cinco. Naquele ano, a comunidade de São Miguel foi anexada ao Vale do Sampaio, oitavo distrito. Ficaram os povoados de São Luiz, 25 de Julho, Nossa Senhora de Lourdes e São Pedro.

O principal povoado é o de São Luiz (em documentos antigos aparece como São Luís), que também concentra a maior igreja, a maior escola e o maior número de casas, comércio e indústria. Por isso foi elevado à categoria de vila em 1994, quando foi criado o quarto distrito.

Distante aproximadamente 10 quilômetros do centro da cidade, tem como principal acesso a estrada geral que passa por Grão Pará e é asfaltada até o arroio São João, quando segue à esquerda pela estrada de chão batido, antigamente chamada "Picada Santa Emília". Esta picada já existia por volta de 1860 e por ela passaram os primeiros imigrantes alemães que ocuparam a Colônia Santa Emília, inaugurada em 1862, onde hoje está a comunidade São Miguel. Leia mais sobre a comunidade de São Miguel na história de Linha Duvidosa.

ORIGEM

Há dúvidas quanto à origem do nome "Santa Emília". A explicação mais plausível foi encontrada nos autos do inventário do coronel André Alves Leite de Oliveira Bello (ver história de Linha Monte Belo). Emília era o nome da esposa do coronel e irmã de Augusto Baptista e Henrique Baptista Pereira, os proprietários da Sociedade Colonizadora Santa Emília, responsáveis pela criação da Colônia Santa Emília, em uma área de 21 lotes.

PIONEIROS

A colonização de Santa Emília/São Luiz deu-se a partir de 1865, em torno da velha picada que levava à colônia São Miguel, atrás do monte Kunkelsberg. Os primeiros imigrantes germânicos vieram das colônias mais antigas de Marante e Santa Cruz do Sul, ou diretamente da Europa. O primeiro casal a se instalar foi Johann Martin Kroth, casado com Bernardina Bremm. Em seguida vieram as famílias Neis, Weber, Konrad, Fischer, Nicolay, Schmitz, Wunsch, Müller, Weiler, Pilz, Walker, Schwengber, Ewald, Stein, Sehnen, Freitag, Barden, Kist e Theisen. Mais tarde chegaram as famílias Heissler, Reckziegel, Heck, Becker, Fröhlich, Angnes e Wagner, que estão entre as mais antigas. Estas famílias enfrentaram muitas dificuldades, em função da falta de recursos e de infra-estrutura. Entre os luso-aborígenes, os mais antigos são os de sobrenome Machado, Fagundes, Silva, Souza, Rosa, Ferreira e Bittencourt, este último de origem francesa. Antes de 1862, toda a área onde está Santa Emília pertencia a Sesmária dos Fagundes, ocupada por descendentes do coronel Francisco Machado Fagundes da Silveira.

RELIGIÃO

Assim como as demais localidades com predominância católica, a história de Santa Emília está relacionada diretamente com a religião. Quase todos os acontecimentos importantes estão ligados ao santo



Professores e alunos das 7ª e 8ª séries da EE São Luiz

protetor de cada povoado. Somente o povoado de 25 de Julho não tem santo protetor. Seus habitantes cultuam a fé na igreja São Luiz, distante aproximadamente dois quilômetros.

A comunidade São Luiz é a mais antiga. Antigamente era conhecida como Santa Emília Superior. Estima-se que foi fundada em 1875, dez anos após a chegada dos primeiros imigrantes germânicos. Neste mesmo ano foi construída a primeira capela. A segunda capela foi erguida em 1917. A atual igreja São Luiz, uma das maiores do interior de Venâncio Aires, foi construída em 1968.

A comunidade Nossa Senhora de Lourdes também é antiga e era conhecida como Santa Emília Anterior. A primeira capela foi construída em 1927 e também funcionou como escola. O cemitério, defronte à capela, recebeu o primeiro enterro em 1949. A comunidade recebeu este nome em função de estar próxima da gruta Nossa Senhora de Lourdes, construída por Jacob Sehnen. No travessão que liga Santa Emília às linhas Cecília e 17 de Junho, existe o cemitério dos Machado, cuja história carece de maior pesquisa. Este cemitério seria o mais antigo de Venâncio Aires e seu nome faz referência a Francisco Machado Fagundes da Silveira. Em 1854, João Machado Bittencourt, tio de Brígida do Nascimento Fagundes, é citado como proprietário das terras onde está o cemitério até hoje. Ali está enterrado Johann Martin Kroth, entre outros pioneiros luso-aborígenes e germânicos.

Por sua vez, a comunidade São Pedro não tem igreja, nem escola. Esta comunidade já foi bem desenvolvida por volta da década de 1950. Desde então vem regredindo, especialmente porque a estrada perdeu sua principal função, como elo de ligação entre as colônias de Santa Emília, Teresinha e Mato Leitão. A população local pratica sua fé no pavilhão comunitário, antiga sede do Esporte Clube São Pedro, que foi desativado. O pavilhão foi construído em 1988 e é sede da Sociedade de Damas Todas Iguais e do Clube de Mães Luta e Conquista, fundado em 1987. O casal João Nilson (59 anos) e Lúcia da Silva (56) mora ao lado do pavilhão e lamenta o fato de a juventude estar deixando a colônia. Em Santa Emília, três povoados



Professora Elisabet, Natália Becker, Lemi Angnes e os alunos da EM Gabriela Mistral



Monumento ao centenário da imigração alemã, erguido em 12.12.1965

muito conhecidos antigamente estão desaparecendo do mapa. Ele se refere à Linha Rússia, Picada Gambá e Picada Henckes, localidades que figuravam no mapa de Venâncio Aires em 1930.

EDUCAÇÃO

A Escola Estadual São Luiz é a maior de Santa Emília. Em 2008, havia 120 alunos matriculados, do pré a 8ª série. Estima-se que as primeiras aulas foram dadas junto à primeira capela, em 1875. Mas somente a partir de 10 de junho de 1925 que as atividades escolares foram registradas oficialmente, com a fundação da "aula católica" na residência de Hugo Reckziegel. O professor Mathias Lenz deu aula durante 30 anos. Outro professor muito atuante na história foi José Fröhlich. O primeiro prédio de alvenaria foi construído em 1950 e está localizado ao lado da atual igreja. Em 1972 foi inaugurado o atual prédio, em terreno atrás da igreja. Ali funcionou até 1988 a Escola Particular São Luiz, administrada pela Sociedade Paroquial de Santa Inês, de Mato Leitão. Em 1979 todo o patrimônio foi transferido para a CNEC - Campanha Nacional de Escolas Comunitárias. Em 1980 a escola passou a oferecer o 1º Grau completo. Em 1989 as atividades da CNEC foram encerradas e a escola passou para a administração do governo do Estado. Atualmente, a escola conta com 115 alunos, 14 professores e duas funcionárias, tendo a direção da professora Nina Rosa Heinen Pereira.

O prédio da Escola Municipal Nossa Senhora de Lourdes foi construído em 1960. Até aquele ano, a capela também era usada como escola. O professor Arnoldo José Kolling lecionou de 1947 até 1960, quando se aposentou. Antes dele, a professora Antonieta Pilz



João Miguel, Agata, Maria Becker (filha) e Maria Kroth Becker, descendentes de Johann Martin Kroth



Grutinha Nº 5ª de Lourdes deu origem à comunidade



Atual capela Nº 5ª de Lourdes, construída na década de 1980



Terra vermelha favorece plantio de flores e hortaliças em escala comercial

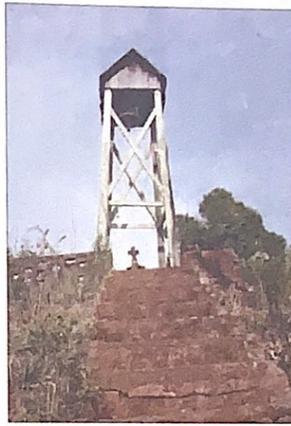


Igreja São Luiz, ao lado da antiga escola, que foi transformada em necrotério

Formaram Vila Santa Emília



Professora e alunos da EM Nossa Senhora de Lourdes



Torre do sino no Cemitério dos Machado, considerado o mais antigo de Venâncio Aires



Imagem de satélite do povoado de São Luiz, na Vila Santa Emília



Escola Municipal Gabriela Mistral, construída em 1968

Grande participação na educação de crianças de origem alemã e italiana. Na época, ela lecionava para duas turmas, que somavam 50 alunos por ano. Em 2007 a escola tinha matriculados 10 alunos, sob orientação da professora Clarice Inês Barden. Na comunidade de 25 de Julho funciona a Escola Municipal Gabriela Mistral, construída em 1968. Em 2007, 14 crianças estavam matriculadas, sob orientação da professora Elisabet Regina Werlang Frey.



Pavilhão da Sociedade de 25 de Julho, construído ao pé do morro da Serra Geral



Neste prédio funcionou uma cooperativa na década de 1920

SOCIEDADES

Muitos ladrilhos da história de Santa Emília não foram encontrados até a pesquisa. Sabe-se que a sociedade mais antiga chamava-se Sociedade de Bolão Sete de Setembro. Também havia a Sociedade de Cantores. Em 1922 havia o Clube dos Ulanos, Clube dos Atiradores e Sociedade de Cantores.

Atualmente, as atividades sociais de Santa Emília concentram-se no complexo esportivo da Associação Esportiva, Cultural e Recreativa de São Luiz, fundada em 08 de junho de 1982. O complexo é formado pelo ginásio de esportes Luizão e pelo campo de futebol do Esporte Clube São Luiz.

Na comunidade de 25 de Julho também existe um campo de futebol e pavilhão comunitário, sede da Sociedade de Damas e Cavalheiros de 25 de Julho, fundada no dia 25 de julho de 1970.

Junto à comunidade Nossa Senhora de Lourdes há o pavilhão comunitário da Sociedade de Damas Sempre Amigas, construído em frente ao campo de futebol do Esporte Clube Operário.

O futebol consiste na principal forma de lazer da população, especialmente dos jovens, enquanto os adultos apreciam o tradicional jogo de cartas, jogo de bocha e bolãozinho de mesa.

A música também se destaca na localidade. Santa Emília é a sede de origem dos conjuntos Os Hermanos, Musical Montagem, da Estilô, Grupo Novo Encontro e do grupo João Nilson e Seu Grupo, que animam bailes e festas em todo o município e em municípios vizinhos.



Ginásio Luizão é o centro social e esportivo de Santa Emília



João Nilson e Lúcia da Silva, tendo ao fundo o pavilhão São Pedro



Pavilhão comunitário da Soc. de Damas Sempre Amigas



Com 105 funcionários, Frigorífico Kroth é a principal empresa de Santa Emília

ECONOMIA

A agricultura é o carro-chefe da economia. Planta-se fumo, milho e arroz para a comercialização, além de produtos de subsistência. Também há destacados investimentos em hortifrutigranjeiros, flores, ervas-mate e leite para fins comerciais. O trabalho na lavoura é feito pelo relevo relativamente plano, com pequenas elevações (colinas). Próximo à divisa com Linha Duvidosa e Monte Belo o relevo torna-se mais acidentado, em função dos morros da Serra Geral. Nas últimas décadas, o desenvolvimento econômico de Santa Emília é ancorado pelo Frigorífico Kroth. Fundada em 1955 por Reynoldo Kroth, a empresa experimentou grande desenvolvimento a partir de 1980. Atualmente, o frigorífico emprega 105 funcionários.

A Casa Comercial Reckziegel é a mais antiga em atividade no povoado de São Luiz. Começou como salão de baile de Hugo Reckziegel, em 1925 e depois com Norberto Reckziegel, até hoje.

Na comunidade Nossa Senhora de Lourdes destaca-se a Ervateira, administrada pela família de Orlando Weiler, que reside na localidade desde a década de 1920. Naquela época, Emilio Selbach tinha serraria e casa de comércio, junto com Leonardo Schmitz; depois que, mais tarde, foi adquirido por Carlos Pilz. Ainda na

TURISMO

Além dos investimentos na agricultura, indústria e comércio, Santa Emília possui grande potencial para o turismo rural. Os campos de futebol, os salões de festa, casas antigas, áreas de camping, a nascente do Arroio Grande, o Balneário Arenhard, a grutinha de N.S. de Lourdes e o monumento ao imigrante, junto à Igreja São Luiz, são pontos de visitação. Até mesmo o cemitério dos Machado, por sua antiguidade, pode ser incluído no roteiro turístico-cultural. Na propriedade de Maria Becker (83 anos) tem uma árvore que, estimam os moradores, é a mais antiga de Venâncio Aires, com mais de 200 anos. Trata-se de uma Paineira, com mais de 50 metros de altura, conforme estimativa de João Miguel Kroth (76 anos), irmão de Maria Becker e descendente de Johann Kroth, o pioneiro.

Apesar de ser uma localidade com grande potencial econômico, Santa Emília carece de investimentos para melhorar o sistema de telefonia DDD, aumento da capacidade da energia elétrica e construção de um posto de saúde, com agentes comunitários para atender a população.

PARTICIPARAM DESTA REPORTAGEM

Em Santa Emília/São Luiz: Os professores Nina Rosa, Zeni Regina, Elisabet, Janice, Celso e Márcia e os alunos das 7ª e 8ª séries da E. E. São Luiz; Em Santa Emília/25 de Julho: A professora Elisabet Regina Werlang Frey com os alunos da EM Gabriela Mistral; a agricultora Natália Apolônia Becker (72 anos) e a professora aposentada Loni Angnes (48 anos). A agricultora Maria Kroth Becker e sua filha Maria Becker (52 anos) e seus irmãos João Miguel Kroth e Agata Schneider (78 anos). Em Santa Emília/Lourdes: O professor aposentado Arnaldo José Kolling. Em Santa Emília/São Pedro: O casal de agricultores João Nilson e Lúcia da Silva. Livros pesquisados: Colônia de Santa Emília, de Cláudio Carlos Fröhlich; Abrindo o Baú de Memórias, o Museu de Venâncio Aires..., organizado pelo professor Olgênio Paulo Vogt.

Os contrastes de Linha Monte Belo

Pode uma localidade ser tão rica em recursos naturais e, ao mesmo tempo, estar em plena decadência econômica? Se esta localidade for Monte Belo, então a resposta é "sim".

Localizada no alto dos morros da Serra Geral, entre Linha Lucena, Cecilia, Sexto Regimento e Linha Palmital, Monte Belo possui grande potencial turístico a ser explorado. No entanto, a cada ano que passa, o número de famílias diminui, porque os moradores estão procurando melhores condições para trabalhar e viver.

ORIGEM

Por volta de 1860, grande parte dos morros da Serra Geral (dentro do território que mais tarde seria do município de Venâncio Aires) pertencia à família do coronel André Alves Leite de Oliveira Bello. Este coronel morreu na Guerra do Paraguai e sua esposa, Maria Emília Pereira Bello, confiou a partilha das terras aos irmãos Augusto e Henrique Baptista Pereira, administradores da Colônia Santa Emília.

Em mapas do município, desenhados em 1917 e em 1930, a localidade é identificada como Linha Montebello. Com o passar dos anos, os ladrilhos da

história foram se perdendo e o Monte-belo tornou-se Monte Belo, numa referência às belezas naturais e à paisagem deslumbrante.

As terras de Monte Belo foram desmembradas de Linha Lucena na década de 1920 e divididas em sete lotes, que foram vendidos para colonos descendentes de imigrantes alemães. Os primeiros compradores foram Henrique Martin Schirmann, José Halmenschlager, Roberto Scheibler, Augusto Metz, João Naivert, Adão Weiss, João Zeidler, João Augusto Bohn, Hugo Wolschick, Carlos Dockhorn, Pedro Vögt, Cristiano Sontag e Adolfo Scheibler.

Desde 1920 até hoje, a maior dificuldade que atrapalha o progresso da localidade é a falta de estrada em boas condições. O principal acesso, via Linha Cecilia, só é bom depois que passa a patrula até a primeira chuva. São 3,5 quilômetros morro acima. Nem todos os automóveis conseguem subir e nem todos os caminhões conseguem descer.

EDUCAÇÃO

A estrada que parte de Linha Cecilia segue serpenteando por entre morros e encostas, até alcançar um trecho plano, de onde o visual é fantástico e o horizon-



Em 1964, prédio da EM São José era de madeira



Pavilhão comunitário de Monte Belo foi construído em 2000

te em direção ao Leste é quase infinito. Na encosta do morro, perto de uma encruzilhada, está a Escola Municipal São José. O primeiro prédio escolar foi construído em 1958. Antes, as crianças estudavam na escola de Linha Lucena ou na Escola de Linha Sexto Regimento. O primeiro professor foi Antônio Becker, que dava aula particular. Em 1964 a prefeitura construiu outro prédio, também de madeira, para a Escola Municipal São José, com capacidade para 60 alunos, aproximadamente.

O atual prédio foi construído em 1977 e reformado no ano 2000, mesmo ano da construção do atual pavilhão comunitário, ao lado da escola. O pavilhão é sede da sociedade de Damas Nova Esperança e Cavalheiros 15 de Março. Nele e na escola acontecem todos os eventos sociais e religiosos, uma vez que na localidade não há igreja, nem cemitério. Os falecidos são enterrados em cemitérios de localidades vizinhas.

TURISMO

A precariedade da estrada, que dificulta a vida na lavoura e força os colonos a venderem ou abandonarem suas propriedades, também é a coqueluche dos amantes de esportes radicais. Semanalmente, um grupo de motociclistas desafia o perigo em busca de aventura pelas estradas estreitas e trilhas, curtindo a belíssima paisagem em meio à natureza quase selvagem. Os morros e vales oferecem condições propícias para



Professora e alunos da EM São José, em 2007

outros esportes radicais, como montain bike, asa delta, para-glyder e tirolesa.

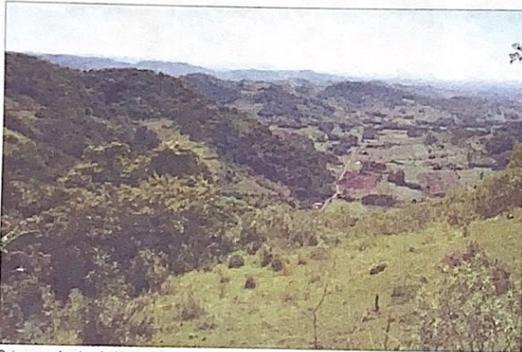
Em função de sua localização estratégica, Linha Monte Belo também foi escolhida para instalação de antenas transmissoras da rádio Terra FM e de várias empresas que operam sinal de internet via rádio. É mais uma clara demonstração do contraste entre o futuro tecnológico crescente, enquanto a história e a memória do povo local estão sucumbindo.

REALIDADE

Nenhum descendente das famílias

pioneiras permaneceu na localidade. Atualmente moram apenas 18 famílias, a maioria de migrantes de origem lusa, vindos de localidades mais altas ainda, como Linha Paredão e Boqueirão do Leão.

A principal atividade econômica é o plantio de fumo e de produtos para subsistência. Não há casa de comércio. Os moradores precisam se deslocar até a cidade ou até as vendas de localidades vizinhas. Para facilitar a subida do morro com o rancho, a professora da escola transporta em seu carro as mercadorias que chegam com o ônibus.



Paisagem do alto do Monte Belo

Matas exuberantes preservadas em Linha Palmital

Outra localidade com paisagens de rara beleza, mas de grandes contrastes econômicos, é Linha Palmital. Localizada no alto dos morros, entre as linhas Duvidosa e Sexto Regimento, Palmital recebeu esse nome devido à grande quantidade de pés de palmito encontradas na selva, quando os imigrantes alemães da Colônia Santa Emília começaram a ampliar suas terras, a partir de 1880.

Naquela época, os palmitos foram úteis para a construção dos primeiros casebres e, mais tarde, tornou-se importante fonte de renda. Quase foi extinto. Graças a leis de proteção ambiental, o Palmito voltou a ocupar a paisagem, entre os vales e encostas dos morros.

Distante 17 km da cidade, Linha Palmital tem dois acessos. Um por Santa Emília/São Miguel e Duvidosa; outro

por Linha Brasil, Vila Deodoro e Sexto Regimento.

Não há igreja, nem escola na localidade. Os moradores praticam sua fé na capela São Miguel. As crianças estudam na escola São Miguel ou Professor Adolfo, em Sexto Regimento.

As primeiras famílias de imigrantes começaram a ocupar as terras acidentadas por volta de 1880. Estão entre os pioneiros as famílias Fischer, Hengdes, Becker, Zarth, Schweitzer, König e Frey. Atualmente, 21 famílias moram na localidade. Ottmar Becker, 56 anos, planta fumo em uma área de 6,9 hectares na encosta do morro. Em 2007 ele plantou 45 mil pés, tendo a ajuda da esposa e de um casal de filhos.

O fumo constitui-se na principal fonte de renda, mesmo em terras aci-

dentadas, onde só é possível trabalhar com boi e arado. Além do fumo, milho e aipim ajudam na renda familiar, além dos produtos de subsistência, como frutas, verduras e legumes.

Não há e nunca houve casa comercial em Linha Palmital, nem linha de ônibus, nem sociedade organizada. Homens e mulheres participam das atividades sociais em Linha Duvidosa e os jovens saem em procura de diversão nas localidades vizinhas.

A exemplo de Monte Belo, Linha Palmital possui paisagem deslumbrante, porém o acesso é muito difícil. A estrada é estreita e sinuosa, todavia seus moradores não perdem a esperança em dias melhores. As propriedades são bem organizadas, com jardins floridos, mantendo uma tradição trazida da Alemanha há quase 130 anos.



Pés de Palmito se destacam entre as árvores nativas em Linha Palmital



Em Palmital e Monte Belo, propriedades são construídas nas encostas dos morros



Família Becker usa boi e arado para preparar a terra

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

Em Linha Monte Belo: A professora Marta Terezinha Cardoso Frey e os alunos da E M São José.

Em Linha Palmital: A professora Márcia Inês Stulp Finkler e os alunos da Escola Municipal São Miguel, de Linha Duvidosa. O agricultor Ottmar Becker, 56 anos. Livro pesquisado: Colônia de Santa Emília, de Cláudio Carlos Fröhlich

RS teve três governadores do dia 17 de junho de 1892

Um acontecimento marcante na história do Rio Grande do Sul foi registrado no dia 17 de junho de 1892. Naquele dia, o general parlamentarista João Nunes da Silva Tavares (ver história de Linha Silva Tavares) foi empossado governador do Estado, na cidade de Bagé. No mesmo dia, em Porto Alegre, os republicanos presidencialistas reconduziram ao cargo o governador (na época chamado "presidente") Julio de Castilhos. Em seguida, Julio de Castilhos nomeou Vitorino Monteiro para as funções de vice-governador e a ele transmitiu o cargo de governador. Portanto, neste dia 17 de junho, o Rio Grande teve três governadores.

Este fato é considerado o estopim para a explosão da Revolução Federalista, a mais cruel e sangrenta guerra civil da história gaúcha (1893 a 1895).

A Revolução Federalista teve passagens marcantes no território de Venâncio Aires. Personagens daquela época também são lembrados nas histórias de Linha Saraiva, Marechal Floriano e Linha Santos Filho.

ORIGEM

Os primeiros passos rumo à formação de Linha 17 de Junho foram dados em 1881, quando várias famílias de imigrantes alemães, que haviam se instalado em Cerro Alegre, Santa Cruz do Sul, migraram para Venâncio Aires. Instalaram-se em uma área próxima da picada que unia Linha Cecilia (Colônia de Monte Aloverne), com a Colônia de Santa Emília. Estão entre os pioneiros as famílias Lenz, Weber, Gretzler, Konzen, Simon, Bremm, Heckmann, Stein, Bohn, Justen, Hickmann, Gilbert, Wilges, Hermes, Weiss, Hoffmann, Böhm, Borre, Müller, Kappann, König, Stein, Schmidt, Ritt e Jantsch. Denominaram a nova picada de Retiro Alegre de Santa Emília, mais tarde Linha Alegre, numa referência a Cerro Alegre. Um dos maiores proprietários e mais influentes foi João Lenz. Ele liderou a abertura de uma nova picada para ligar Linha Alegre diretamente à vila de Venâncio Aires, costeando o arroio Lajeadinho. Esta estrada beneficiou muitos moradores, que até então se deslocavam por trilhas abertas nas margens deste arroio. A estrada ajudou a impulsionar o desenvolvimento do povoado, que espontaneamente ficou conhecido como Picada Lenz, ou Lenz Pikade.

Esta denominação foi mantida até a década de 1940. Em consequência da II Guerra Mundial, todas as localidades de origem germânica no Brasil tiveram que adotar denominações nacionais. A Lenz Pikade foi transformada em Linha 17 de Junho. A mudança não agradou o povo local, pois fazia referência a um acontecimento terrível, que trouxe dor e tristeza à população. Durante a Revolução Federalista, tropas ligadas aos revolucionários cruzaram pelas colônias de Venâncio Aires, espalhando terror e medo.



Pavilhão sede do Esporte Clube Piranga

EDUCAÇÃO

Linha 17 de Junho conta com um dos maiores prédios escolares do interior de Venâncio Aires, a Escola Estadual Leo João Fröhlich. O prédio foi construído em 1958, com o nome de Escola Rural e ampliado em 1977. Atualmente a escola conta com 113 alunos matriculados, do pré até a 8ª série, 14 professores e três funcionários. Diane Pankowski é a diretora. Léo João Fröhlich foi o primeiro diretor da Escola Rural. Ele faleceu em 1974, vítima de ataque cardíaco.

A mais antiga escola da localidade teve início por volta de 1890 e funcionou próximo de onde atualmente está a Sociedade Ipiranga. Outra escola funcionou na casa de Guilherme Böhm. Na década de 1940 a comunidade se uniu para construir a primeira capela, que também serviu de escola até 1958. O primeiro professor foi Frederico Guilherme Rauber.

RELIGIÃO

A capela Nossa Senhora dos Navegantes foi construída na década de 1940 com a finalidade de ser capela-escola. A religião e a educação andaram de mãos dadas nas primeiras décadas após a imigração. Entre os colonos havia o hábito de rezar no final de cada dia de aula. Também rezavam antes das refeições. Em 1981, a população de Linha 17 de Junho ergueu um monumento em homenagem ao pioneiro João Lenz. O monumento está localizado em frente à capela e lembra o centenário de colonização alemã.

SOCIEDADES

As primeiras sociedades chamavam-se Sociedade de Atiradores e de Lanceiros. Em 1920 havia a Schiessverein Monfeld, com sede no salão de baile de Pedro Rohde. Os documentos e a bandeira desta sociedade foram confiscados e destruídos durante a II Guerra. No dia 06 de novembro de 1951 a sociedade inaugurou nova bandeira, adotando a denominação de Sociedade Recreativa Ipiranga, em atividade até hoje.

No dia 13 de maio de 1962 foi fundada a Sociedade de Damas Treze de Maio, com sede junto ao Salão Ipiranga, construído em 1960. O futebol também ocupa lugar de destaque na localidade, através do Esporte Clube Piranga. Além do futebol, o bolão, a bocha e os jogos de carta são esportes muito apreciados.

ECONOMIA

O arroio Lajeadinho foi fundamental no desenvolvimento econômico da antiga Picada Lenz. Serrarias, moinhos, fábricas de erva-mate e marcenarias funcionavam movidos pela energia gerada por rodas d'água. Vestígios daquela época ainda podem ser encontrados em várias represas construídas ao longo do arroio. Na década de 1960 chegou a energia elétrica fornecida pelo



Casa onde mora a família de Edwino Hamester



Fumo e trigo (ao fundo) destacam-se na produção agrícola

Estado e o arroio perdeu sua importância econômica, mas ainda é muito usado como área de lazer.

A primeira casa comercial foi fundada por Leopoldo Harres. Em 1914, Pedro Rohde adquiriu a propriedade, ampliando os negócios e construindo um salão de baile e uma cancha reta para corrida de cavalos. Simão Bremm teve o salão de baile mais antigo, chamado bailante. Hilda Fröhlich manteve casa de comércio e cancha de bocha nos anos 1970 e 1980. Atualmente, esta é a casa comercial mais antiga em atividade, administrada pela família de Renato Machry. Nos últimos anos, a localidade também recebeu destacados investimentos em tecnologia para o desenvolvimento de produtos orgânicos, beneficiamento de leite, produção de suínos e de emas.

Nas décadas de 1920 e 1930, a localidade viveu o auge do seu desenvolvimento. Havia duas fábricas de erva-mate, sapataria, serraria, moinho, fábrica de cerveja e refrigerante, alambique, ferraria, selaria, marcenaria e alfaiatana. Sinais daquele tempo ainda podem ser vistos na fachada imponente das casas, em estilo da época, conservadas ou restauradas pelos atuais moradores. Maria Emelda Schwendler Frey, 83 anos, mora em uma dessas casas. Ela é neta de João Lenz. A casa foi construída em 1923 por Henrique Hickmann e comprada em 1925 por João Schwendler Sobrinho. Outra casa muito bonita foi construída em 1927 pelo pedreiro Carlos Pauli para seu irmão, João



Na década de 1990 a estrada geral recebeu calçamento com pedras poliédricas



Dieter Knack restaurou a casa, ressaltando detalhes do início do século passado



Equipe que realizou a pesquisa histórica em 2007



EE Leo João Fröhlich é uma das maiores do interior de Venâncio Aires



José Alfonso, Maria Emelda e Elaine Frey



Salão de baile e sede da Sociedade Ipiranga



Capela Nossa Senhora dos Navegantes

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

As professoras Diane Pankowski e Cláudia Izabel Pilz e os alunos da 5ª série da E.E. Léo João Fröhlich. O agricultor e músico aposentado Edwino Hamester; o industrialista Dieter Knack; a agricultora Maria Emelda Schwendler Frey, seu filho José Alfonso Frey (49 anos) e a nora Elaine Wehlie Frey (43 anos).

Livros pesquisados: Colônia de Santa Emília, de Cláudio Carlos Fröhlich; Abrindo o Baú de Memórias, do Museu de Venâncio Aires...

O êxodo rural ataca Linha Lucena

Encrustada entre montes e vales, em um local de difícil acesso, Linha Lucena está sendo fortemente atacada pelo êxodo rural. Ano após ano, o número de famílias diminui e os jovens partem a procura de um lugar melhor para trabalhar e viver.

Distante 22 quilômetros do centro de Venâncio Aires, a localidade situa-se ao pé do monte Spitzkopf. Em cima desse monte está a localidade de Linha Sexto Regimento.

A principal via de acesso é a RS-422, entrando à direita junto à Madeireira Haas e seguindo pela estrada que vai a Linha Cecilia. Próximo ao cemitério, segue por uma entrada à esquerda, por mais dois quilômetros morro acima.

Os primeiros imigrantes alemães chegaram por volta de 1880, oriundos de Linha Maria Madalena e Linha Brasil. Naquela época, as terras pertenciam à colônia Monte Alverne. A origem do nome "Lucena" deve-se a um capricho do administrador da colônia, Carlos Trein Filho. Em 1886 ele encaminhou ofício ao presidente da província do Rio Grande do Sul, Henrique Pereira de Lucena, dando conta da abertura de mais uma picada para fins de colonização, a qual denominou "Linha Lucena".

Estão entre os pioneiros: Adão



Professora Lizete com seus alunos em 2007

Renzo, Henrique Haas, José Ullmann e outros de sobrenome Metz, Waiss e Anhanha. Quase 130 anos se passaram e apenas 26 famílias residem na localidade, sendo a maior parte de descendentes germânicos. Hoje as dificuldades ainda são grandes, mas nada comparado ao que os migrantes enfrentaram. Além de derrubar a mata para fazer roça, os homens tinham que ir até Rio Pardo, a cavalo, para trocar milho por farinha, porque não havia moinho mais próximo.

EDUCAÇÃO

Não há e nunca houve igreja em Linha Lucena. Até 2007, a escola era o centro de desenvolvimento e o estio que ainda segurava os poucos moradores que restam. A primeira escola foi construída em 1935. O primeiro professor foi Waldemar Scheibler. Em 1959 foi construído o atual prédio da Escola Municipal Castro Alves. Tem uma sala de aula, cozinha e dois banheiros. Em 2007, somente nove alunos frequentaram as aulas no turno da manhã,



EM Castro Alves, ao lado do pavilhão comunitário de Linha Lucena

orientados pela professora Lizete Frey Wagner, que também é catequista e auxilia na liturgia e nas atividades sociais em geral. Esta escola foi fechada em 2008.

Ao lado da escola foi construído o pavilhão comunitário Castro Alves, inaugurado no dia 27 de junho de 1986. O pavilhão é sede da Sociedade de Damas Flor de Maio, fundada em 28 de agosto de 1949 e da Sociedade de Cavaleiros Boa Aventura, fundada em 03 de março de 1957. Também funciona na localidade o Grupo do Lar Estrela da Amizade.

Próximo da escola e do pavilhão está o cemitério da comuni-

dade, onde é possível encontrar lápides dos primeiros moradores, entre eles Maria Jantsch Ullmann, nascida em 1857; Carolina Anhanha, nascida em 1870 e Bertha Feix Ullmann, nascida em 1882.

A primeira casa comercial da localidade pertenceu a Ludovico Ullmann, juntamente com salão de baile. Mais tarde, Lucas Frey comprou a propriedade. Vendia produtos alimentícios em geral, roupas e sapatos. As sociedades se reuniam neste salão para realizar suas festas e torneios de bolãozinho de mesa. Nas horas de lazer os homens jogam carta e as mulheres fazem crochê.



Morro Spitzkopf é um dos mais altos da Serra Geral em Venâncio Aires

A agricultura sempre foi a principal fonte de renda dos moradores, inicialmente com o fumo de galpão, milho e feijão, criação de porco para produção de carne e banha.

Atualmente não existe nenhuma casa comercial e a agricultura está restrita à plantação de fumo de estufa e milho em escala comercial. O terreno favorece o plantio de banana e amendoim, além de outras culturas de subsistência.

O êxodo rural é provocado pela falta de perspectiva dos jovens. O terreno é muito acidentado, o acesso é difícil e os jovens acabam indo embora, enquanto que na localidade predominam as pessoas idosas.

Os ladrilhos perdidos de Linha Harmonia da Costa

Dentre todas as localidades do interior de Venâncio Aires, a que tem nome mais intrigante é Linha Harmonia da Costa. A exemplo de Linha Lucena, o povoado luta para manter sua identidade, embora nas últimas décadas o êxodo rural também ronda as famílias, que viram sua única escola ser fechada em 2005.

Muitos ladrilhos da história dessa localidade foram perdidos e a pesquisa foi prejudicada porque a Escola Estadual São Brás foi desativada no dia 14 de abril de 2005. As poucas informações encontradas carecem de maior investigação. Três alunos da Escola Estadual Léo João Fröhlich, de Linha 17 de Junho, naturais de Harmonia da Costa, auxiliaram na pesquisa. Graças a eles foi possível realizar esta reportagem.

ORIGEM

Antes da chegada dos imigrantes germânicos, as terras de Linha Harmonia da Costa pertenciam a Data Padre Amaro. Outros imigrantes luso-açorianos, de sobrenome Costa e Mariano da Cruz também foram donos da área. Daí a origem do nome Costa. Mas por que "Harmonia" da Costa?

Por volta de 1880 chegaram os primeiros imigrantes germânicos. Eram nove irmãos de sobrenome Schwendler, filhos de Johann Schwendler, que veio para o Brasil

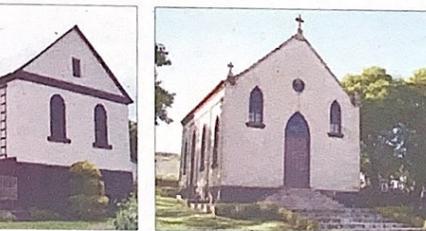


Casa de Nely Schwendler é uma das mais antigas de Harmonia da Costa

avó de Lauro Antônio Reis (63 anos). Além dos Schwendler, estão entre as famílias mais antigas as de sobrenome Schwengber, Arenhardt, Frey e Stertz.

Vencidas as dificuldades iniciais, os imigrantes experimentaram um período de progresso e desenvolvimento, nas primeiras décadas do século 20. Sinais desse progresso podem ser observados até hoje nas muitas casas antigas da localidade. Em uma delas mora Nely Maria Schwendler (72 anos).

A casa foi construída em duas etapas: a cozinha foi em 1933 e a sala é mais antiga. Em 2007 a residência foi reformada e chama a atenção pela beleza dos traços arquitetônicos daquela época, quando havia na localidade duas



Capela São Brás, construída em 1938

indústrias de erva-mate, moinhos de milho e arroz e uma ferraria.

REALIDADE

O povoado de Linha Harmonia da Costa está distante 15 km do centro de Venâncio Aires. O principal acesso é pela RS-422 até Linha Arroio Grande, seguindo pela estrada de Linha Olavo Bilac até a primeira entrada à esquerda.

Aproximadamente 60 famílias residem na localidade, a maioria de origem germânica. A partir da década de 1980, o êxodo rural manifestou-se com força. Até então, a localidade prosperou graças aos investimentos em agricultura, suinocultura, indústria e comércio. A casa comercial Stertz, inaugurada em 1970, é a mais antiga em atividade. Outra casa comercial forte pertenceu à família Christmann, adquirida mais tarde por Benício Schwengber. Funcionava no terreno onde agora esta a sede da Sociedade Vida Nova, bem no centro do povoado. No outro lado da rua está a capela São Brás, construída em



Cercas de pedra fazem parte da paisagem de Harmonia da Costa



Ariel, Joselaine e Lisane realizaram a pesquisa em Harmonia da Costa

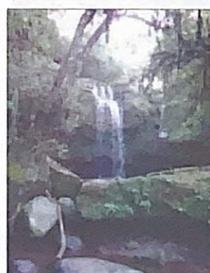
1938 e o cemitério, onde se destacam os túmulos dos pioneiros de sobrenome Schwendler.

Embora padecendo com o êxodo rural, os moradores lutam em busca de dias melhores. A localidade tem grande potencial turístico, através da cascata Chuveirão e, nos últimos anos,

recebeu importantes investimentos na agroindústria para beneficiamento de leite. Através da união e do trabalho voluntário, os moradores estão construindo um novo campo de futebol para o Esporte Clube Harmonia, ilustre representante da localidade no futebol amador de Venâncio Aires.



Pavilhão da Sociedade Vida Nova



Cascata Chuveirão é atração turística de Venâncio Aires

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

Em Linha Lucena: A professora Lizete Frey Wagner e os alunos da E.M. Castro Alves. Em Harmonia da Costa: Os alunos da E.E. Léo João Fröhlich, Joselaine Kroth, Lisane Franck e Ariel Schwendler. O agricultor Mauro Inácio Schwendler (49 anos) e o casal de agricultores Lauro Antônio e Neli Maria Reis e o fotógrafo Aldair Fischer.

Uma Travessa para ligar Santa Emília e Palanque

De acordo com o dicionário, travessa é, entre outras definições, "um caminho transversal, feito para ligar duas estradas maiores". Com esta finalidade, há mais de 100 anos, foi construída a Linha Travessa. Em 1930 a estrada já ocupava posição de destaque no mapa do município de Venâncio Aires, ligando as colônias de Santa Emília e Palanque, a partir da Capoeira Grande, em Linha 17 de Junho, até a antiga evaiteira de Alfredo Scherer, onde se encontrava com a estrada do Passo Cananéia. Em torno dessa estrada formaram-se as comunidades Nossa Senhora Aparecida (na parte alta) e São Francisco (na parte baixa - ver história da Travessa Baixa, distrito de Palanque). Outra travessa foi construída a partir do salão Gigante até a colônia de Mato Leitão, na época pertencente a Venâncio Aires. Nas margens dessa estrada formou-se a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Atualmente, a estrada principal parte do balneário São João, em Grão Pará, subindo o Cerro da Batinga até encontrar-se com o traçado antigo, perto do Salão Gigante e segue em direção a Palanque.

Outro acesso muito usado atualmente é pela RSC-453, construída em 1974 e que incentivou o desenvolvimento da Comunidade São José, o quarto povoado de Linha Travessa.

PIONEIROS

Antes da chegada dos imigrantes alemães, a região da Linha Travessa também pertencia à Sermaria dos Fagundes. A partir de 1885, as terras próximas ao Cerro da Batinga começaram a ser demarcadas e vendidas aos colonos. O primeiro morador foi José Hickmann, vindo da Alemanha e que se dedicou aos negócios com eva-mate. Depois chegou o casal Arminio e Rosina Schauenberg, abnegados na educação das crianças. Também estão entre os pioneiros as famílias Barden, Kreling, Kuhn, Becker, Hackenhar, Rüdiger, Braun, Lenz, Roos, Kerz, Schwengber, Weber, Watke, Stöben, Hillesheim, Imich, Jänich e Kappau, todos de origem germânica. Entre os de origem lusa, os mais antigos são de sobrenome Fagundes e Machado. Nas terras próximas à comunidade São José, a imigração iniciou em 1893.

Quando chegaram, os imigrantes encontraram terras cobertas por mata densa, nas encostas de morros, perto dos arroios São João e Arroio das Pedras.

EDUCAÇÃO

A educação e a religião sempre estiveram muito próximas em todas as comunidades da Linha Travessa. Em 1909, José Kerz fez frente à construção de uma sociedade escolar, em terreno doado por Alberto Schwengber, onde hoje é o cemitério da Comunidade Nossa Senhora Aparecida. O primeiro professor foi João Pedro Lenz. Dava aulas junto à capela. Em 1947 foi construído o primeiro prédio para a escola Aparecida, que em 1961 passou para o Estado com o nome de Escola Rural. Em 1987 o terreno da escola foi dividido para a construção do pavilhão comunitário Aparecida. Atualmente, a escola encontra-se em processo de municipalização. A atual professora é Loraci de B. de Carvalho.

Outra escola de Linha Travessa funcionou próximo onde atualmente está o salão Gigante, por volta de 1926. Era particular

e administrada pelo professor Hans Demberger. Em 1933, a professora Rosina Schauenberg liderou um movimento para que a escola passasse a funcionar junto ao prédio antigo da capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, de quem herdou o nome. Em 1961 foi construído o prédio próprio e a escola passou a ser administrada pelo Estado. Atualmente, a escola conta com aproximadamente 90 alunos, do pré à 8ª série; 9 professores e duas funcionárias. Na direção está a professora Silvana Mirandoli da Veiga.

A primeira escola da comunidade São José foi construída em 1959, com o nome de Escola Rural. Também funcionava no prédio da capela de mesmo nome. Atualmente, esta escola encontra-se em processo de municipalização. Seus 16 alunos são orientados pela professora Lara Maria de Azeredo Henn.

RELIGIÃO

Todas as comunidades seguem a tradição católica. Nossa Senhora Aparecida iniciou em 1909 junto com a escola. Em 1947 foi construída a primeira igreja e, em 1970, foi lançada a pedra angular do prédio atual.

A comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi fundada em 1946. Antes as missas eram celebradas na escola. A capela serviu como escola até 1961.

A comunidade católica São José foi fundada em 1958, mesmo ano da construção da atual capela.

SOCIEDADES

O salão Gigante é o símbolo da vida social. Foi inaugurado em 04 de novembro de 1973, mesmo dia da inauguração do Gigantinho, ginásio esportivo do Internacional, de Porto Alegre. O salão é administrado pela Sociedade Esportiva Alto Travessa, fundada em 1966. A Sociedade de Damas Primavera, fundada em 1936, é a mais antiga em atividade. Também existe o salão da Sociedade Esportiva e Recreativa São José. A sociedade foi fundada em 1990 e a construção do salão iniciou em 1994. Também existem: a Sociedade de Damas Olímpica, o Grupo do Lar fundado em 1985; Clube de Mães Orquídea (1985); a Sociedade de Cavalheiros Boa União (1998); Sociedade de Damas Rosa Vermelha, fundada em 1960 com o nome Sociedade Sempre Alegre. Os associados praticam esportes tradicionais, como o bolãozinho de mesa, bocha e futebol, no ginásio de esportes Perpétuo Socorro e nos campos de futebol do E.C. São José e do E.C. Flor de Maio.

ECONOMIA

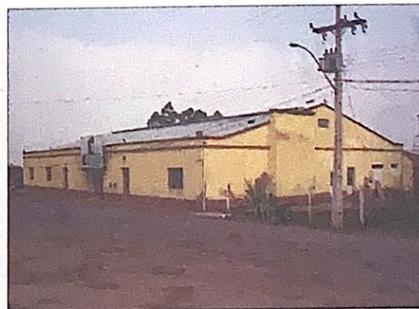
Desde os primórdios da colonização, Linha Travessa destacou-se na produção de eva-mate, aproveitando as características da terra vermelha. Atualmente, o fumo, o



Professora e alunos da E.E. Aparecida em 2007



Rejane, Pedro e Nilce coordenam a Escola do Chimarrão



Salão Gigante está entre os maiores de Venâncio Aires

milho, o aipim e o feijão também ocupam lugar de destaque na agricultura. A casa comercial mais antiga em atividade pertenceu a Bolívar Scheibler, atualmente administrada por Dolores Inês Scheibler. Há restaurante, bares, atacado, cancha de bocha e venda de produtos coloniais; indústria de beneficiamento de madeira e comércio de equipamentos eletrônicos, instrumentos e acessórios para conjuntos musicais. Próximo da divisa com Grão Pará, na RSC-453, várias casas de tolerância se instalaram. A posição estratégica da rodovia motivou duas compa-

nhias de telefone celular a instalar antenas repetidoras.

No setor industrial, Silvério Rüdiger destacou-se com a Ervaiteira Rainha dos Pampas, que funcionou de 1957 a 1998. Após, a empresa foi arrendada.

TURISMO

A localidade se destaca na área do turismo, através da Escola do Chimarrão. A entidade nasceu em setembro de 1998 e, em 2004, transformou-se em Organização Não Governamental (ONG). Desde a sua fundação, a entidade busca promover o turismo rural, criando a Rota do Chimarrão. Entre as suas ações está o monumento erguido



Prédio da E.E. Perpétuo, ao lado do ginásio de esportes



Monumento ao Chimarrão, na rótula da RSC-453



Capela N. S. Aparecida, construída em 1970



Capela São José, construída em 1958



Capela N. S. Perpétuo Socorro, construída em 1946

junto à rótula da RSC-453, com uma cuia e uma chaleira. Também existem vários balneários.

Apesar do empenho e da dedicação das lideranças comunitárias, a localidade sofre as severas consequências do êxodo rural. No início do ano letivo de 2008, duas das três escolas administradas pelo governo do estado

estiveram ameaçadas de fechar, em função do baixo número de alunos e deverão passar para a administração do município. A população reclama a necessidade de um posto de saúde, agentes de saúde e um necrotério.

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

Da comunidade São José: A professora e diretora da E. E. São José, Lara Maria de Azeredo Henn e os alunos Laura Kroth, Gabriel Alan Simon, Canne Inês Simon e Tiago Algayer. Os pais dos alunos: Ronei Lusa e Marilise Simon; Luciano e Liane Kroth; Benildo e Elise Algayer. Da comunidade Nossa Senhora Aparecida: a professora Loraci de B. de Carvalho e os alunos da 4ª série da E. E. N. S. Aparecida; a professora Holdi Helena Becker e os moradores Edvino Hickmann, Melita Hickmann, Lucila Maria Lenhardt, Celita dos Santos e Elci Margarete F. de Souza. Da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro: A secretária da escola, Adaise Fernanda Becker; alunos da 7ª e 8ª séries coordenados pela professora Nilce Rüdiger, que também integra a diretoria do Instituto Escola do Chimarrão, juntamente com Pedro Schwengber e Rejane Rüdiger Pastore. Também foram utilizadas informações de uma pesquisa realizada em 1999 pela Secretaria Municipal de Educação.



Pavilhão da Soc. Esp. São José, às margens da RSC-453

Neste começo
de inverno,
deixe suas roupas
com cheirinho
de primavera.

NOS AROMAS LAVANDA, SOFT E CLASSIC.

Conheça também nosso Alvejante Sem Cloro.

Tira manchas de roupas de todas as cores.

bras Clin
ALVEJANTE SEM CLORO

Sole Mio
Amaciante de roupas
Lavanda

Sole Mio
Amaciante de roupas
soft

Sole Mio
Amaciante de roupas
classic

Antes de usar, leia as instruções do rótulo. 2 Litros

DOBRADO

AMACIANTES SOLEMIO.

Começo de inverno é momento de tirar os blusões e roupas de frio do armário, que ficaram guardados durante um ano inteiro. Nessa hora, nada melhor que o cuidado e o aroma dos amaciantes Solemio, para deixar suas roupas com um ar de primavera.